



ZERO HORA

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

AO VIVO | Projeção do jogo do Grêmio na Sul-Americana e do Inter na Libertadores | Cotaç

Fofo, mas problemático Notícia

Imagens estilo Studio Ghibli geradas por IA provocam debate sobre direitos autorais; entenda os pontos

Enxurrada de fotos transformadas em desenhos fez a cabeça dos internautas nos últimos dias, mas revelou a desvalorização dos artistas que desenvolveram os traços

04/04/2025 - 17h06min

Atualizada em 05/04/2025 - 22h03min



CARLOS REDEL

[Enviar email](#)



Usuários das redes sociais participaram da brincadeira.

Instagram / @virginia / Reprodução

Quem é minimamente conectado, certamente, deparou-se, nos últimos dias, com **fotos transformadas em desenhos**. Está sendo um fenômeno nas redes sociais. A **trend** – algo que ganha popularidade rapidamente – costuma durar alguns dias, até que se esgota. Neste caso, com tempo suficiente para **levantar discussões éticas e legais sobre a prática**.

Esta tendência transforma imagens enviadas para o **ChatGPT** em desenhos utilizando o traçado das **animações do Studio Ghibli**, estúdio japonês responsável por obras como *A Viagem de Chihiro* (2001), *Meu Amigo Totoro* (1988) e *O Menino e a Garça* (2023). Um dos diferenciais da produtora é defender os desenhos feitos à mão – **bem diferente de sua representação** –

Na enxurrada de imagens simulando a técnica, levantou-se a questão: afinal, isto não é **apropriação**? Onde entram os **direitos autorais**? O cofundador do Studio Ghibli, Hayao Miyazaki, em entrevista de 2016, já **havia rejeitado o uso deste tipo de ferramenta** para se criar arte, afirmando estar “enojado”, alegando que este tipo de tecnologia oferece “coisas assustadoras” e que nunca a empregaria em seu trabalho.

LEIA MAIS



YouTube completa 20 anos: entenda como a plataforma transformou a internet e criou até uma profissão



"Esses dados podem ser usados": quais os riscos de participar da trend do Studio Ghibli?

Corta para 2025 e o próprio legado de Miyazaki está sendo utilizado pelas máquinas e por uma grande big tech – a

OpenAI, no caso, dona do Chat GPT – para gerar entretenimento passageiro e monetização, **sem o consentimento do artista** e sem a mão humana por trás. O “artista” por trás é o GPT-4o é um poderoso gerador de imagens utilizado pela gigante da inteligência artificial em sua mais famosa ferramenta.

***“A arte da máquina
pode até parecer
bonitinha à primeira
vista, mas é vazia
porque não tem a
essência.”***

RÓGER GOULART
Ilustrador e concept artist

O legal e o ético

Nas redes sociais, enquanto muitos aderiram à trend – **entregando os seus dados para ajudar a alimentar o banco de dados da IA** –, alguns protestaram, denunciando ser mais do que uma simples brincadeira. A classe artística reclamou da **apropriação da técnica** tão manual e humana quando empregada pelo Ghibli para conceber as suas animações.

— Foi um movimento estratégico, pegando o Studio Ghibli, que evoca essa coisa mais infantil, por ser mais fácil de viralizar. Todo mundo, mesmo quem não conhece o trabalho do estúdio, quis entrar na trend e mostrar como ficava fofinho. Só que é um **tremendo desrespeito**, principalmente com o Miyazaki, que já disse que não compactua com formas tecnológicas de se trabalhar a arte. E isso foi feito para sinalizar para o mercado que as pessoas estão priorizando mais o resultado do que a arte — diz Róger Goulart, ilustrador e concept artist.

LEIA MAIS



O que é “floodlighting”, prática em relacionamentos que viralizou com vídeos da geração Z nas redes sociais



Modelos podem estar errando: o que diz o exame mais completo realizado para testar a IA no mundo

E afinal, o que a OpenAI está fazendo é **roubo de propriedade intelectual**? O advogado e professor especialista em direito digital, Juliano Madalena, explica que, para a inteligência artificial generativa funcionar, ela precisa de um **grande banco**

de dados, que é alimentado por meio de obras autorais, para que os modelos aprendam os padrões da técnica.

— Para que as ferramentas conheçam os padrões, elas precisam **ser treinadas** com eles. A pergunta que fica, então, é: quais são os direitos que as proprietárias dos **modelos de inteligência artificial generativa** possuem em relação aos bancos de dados que geram as imagens solicitadas pelos usuários? — questiona.

Madalena, porém, aponta que o que está ocorrendo nesta trend — e em várias outras semelhantes, como a da **Pixar**, meses atrás — segue sendo discutível, uma vez que a **Lei de Direitos Autorais** protege aquilo que é criado. Já nas imagens que copiam o estilo do Studio Ghibli, o que está sendo visto é algo original, sem utilizar personagens ou enredos do estúdio.

— Não foram necessariamente os autores da técnica artística que criaram aquela imagem propriamente dita. Porém, eles foram criadores da técnica. Bom, **o direito autoral não protege a técnica propriamente dita**. Por exemplo, existem técnicas particulares de Picasso que podem ser reproduzidas por qualquer outro novo artista. A arte evolui desta forma. E o Direito acompanha essa evolução. No entanto, lá na origem, estamos falando de uma pessoa que aprende a técnica e a desenvolve. No caso da IA, esse aprendizado se dá consumindo muito o conteúdo — complementa Madalena.

LEIA MAIS



“Quem criou essa arte não ganha nada”, diz Potter sobre imagens geradas pelo ChatGPT



Como está o processo de regulamentação da IA no Brasil

Dessa forma, **a IA foi treinada com obras do Studio Ghibli**, levantando um ponto importante sobre os direitos autorais das animações na busca por lucro e popularização da ferramenta. Porém, o resultado é questionável em termos legais, uma vez que **não replica criações específicas** e a técnica não é protegida por direitos autorais.

— Nós aprendemos com bases, com professores, com bibliografia e, também, com observação, olhando quadros, outras obras. Estas formas de aprendizado são próprias do ser humano, que tem condições de reproduzir. E são **aprendizados legítimos**. Agora, para que o robô aprenda, ele não vai se submeter ao mesmo processo. Ele vai se submeter ao seu

aprendizado consumindo e tomando para si, lá na origem, um conteúdo que os artistas, de forma humana e diversa da máquina, aprenderam durante anos — ressalta.

LEIA MAIS



"Forma como adolescentes se conectam hoje é potencialmente destrutiva", diz psicanalista sobre discurso de ódio nas redes



O que diz o filho do criador do Studio Ghibli sobre as imagens feitas por IA?

O advogado ainda complementa, detalhando o que o estúdio japonês poderia fazer em relação a trend que explora os traços de sua arte:

— O estúdio poderia questionar, inclusive **judicialmente**, a OpenAI em relação a umnexo de causalidade. Está completamente comprovado que o robô consegue reproduzir padrões do Studio Ghibli. Agora, o que cabe ao estúdio, se ele tiver esse interesse, naturalmente, é questionar: como o robô aprendeu? **Com quais dados?** Esse é o ponto central porque, se os dados eventualmente apresentados forem proprietários, temos descumprimento de direito autoral no treinamento do robô.

Na outra ponta, Goulart entende que, para a arte ser valorizada, fazendo com que o trabalho feito por uma máquina não tenha tamanha adesão, é importante o **contato com o artista** –em feiras ou exposições, por exemplo. E que as pessoas compreendam que um desenho, por exemplo, é a essência de quem o faz, com anos de desenvolvimento de técnica.

— Desta forma, consegue-se enxergar o **valor além do resultado**. Que aquilo não foi simplesmente criado do nada. Teve alguém que pensou, alguém que imaginou aquilo, teve alguém que sentiu algo e quis aplicar. E não vai ser alguém que escreveu um prompt que gerou algo ali que vai dar um resultado desse. Então, a arte da máquina pode até parecer bonitinha à primeira vista, mas **é vazia** porque não tem a essência — finaliza o artista.

